

SOUBEMOS HONRAR OS NOSSOS HERÓIS

N. 25/6/80 p.1

★ Mensagem do Presidente Samora Machel ao Povo Moçambicano

Por ocasião do 5.º aniversário da Independência Nacional, o Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, dirigiu a seguinte mensagem à Nação moçambicana:

Moçambicanos
Moçambicanas

Dentro em pouco festejaremos o 5.º aniversário da Independência Nacional.

A esta mesma hora, há cinco anos, todos aguardávamos com ansiedade esse momento maior da nossa vida, que foi a proclamação da Independência.

Aguardávamos, com o coração cheio de alegria e expectativa, o momento que marcaria o fim de quinhentos anos de dominação.

O nosso Povo ia finalmente poder decidir sobre o seu destino, de forma livre, soberana e independente. A opressão racial, a humilhação, a discriminação iam ser enterradas definitivamente no nosso País.

Não mais seríamos estrangeiros na nossa própria terra, não mais sentiríamos o peso da boia do colono, não mais sentiríamos nas mãos a dor da palmatória — dor física, mas principalmente dor moral, dor que nos feria por dentro e deixava marcas profundas.

A esta mesma hora, há cinco anos, vivíamos os momentos exaltantes do triunfo sobre o colonialismo, vivíamos a euforia das grandes vitórias. Alcançávamos, finalmente, o objectivo pelo qual tínhamos pegado em armas, alcançávamos o objectivo pelo qual já os nossos pais e os nossos avós tinham lutado e morrido.

Por isso dizemos que o 25 de Junho de 1975 foi o dia maior da nossa vida, o dia maior da nossa História.

Todos sabíamos como era pesada a herança colonial.

A bandeira da República Popular de Moçambique, ostentando as cores gloriosas da FRELIMO, foi içada num país devastado pela guerra, num país arruinado por séculos de exploração colonial. A fome, a nudez, a miséria, a doença e o analfabetismo eram males endémicos que afectavam praticamente a totalidade do nosso Povo.

Por isso, a nossa palavra de ordem no dia da independência foi **A LUTA CONTINUA**. O momento da independência não foi a paragem do combate, foi a sua transformação, foi a sua passagem a uma fase mais elevada, a uma fase em que tínhamos conquistado o direito de nos governarmos.

Pelas armas, com o sangue e o sacrifício, com a coragem e a determinação tínhamos afirmado a nossa dignidade, conquistado a nossa Independência.

Com o combate comum, com o sangue vertido em conjunto, com o trabalho colectivo tínhamos forjado a nossa unidade nacional.

Construímos na guerra e no sofrimento, na realização difícil da nossa maior aspiração, o orgulho legítimo de sermos moçambicanos, de como moçambicanos, nos afirmarmos perante o mundo.

Transformando-nos de fracos em fortes, vencendo um inimigo poderoso, aprendemos a valorizar a nossa força colectiva, a nossa inteligência, a nossa experiência. Aprendemos que a realização das nossas aspirações depende de nós próprios, da nossa determinação, da nossa organização, da nossa disciplina, do nosso trabalho.

Na luta contra a dominação colonial, aprendemos a dirigir o nosso ódio contra todas as formas de exploração e opressão, contra toda a Injustiça. Nas zonas libertadas durante a luta armada aprendemos na nossa própria carne a não aceitar a substituição do explorador estrangeiro pelo explorador moçambicano.

Por tudo isto, sabíamos no dia da nossa independência que a luta não estava terminada, que tínhamos de lançar o combate difícil e grandioso da construção dum país independente, desenvolvido, próspero, livre da exploração, dum país digno do sangue e do sacrifício consentido pelo nosso Povo.

E, no próprio dia da Independência lançamos este novo combate.

Hoje, cinco anos depois, podemos medir os passos que demos, as vitórias que alcançamos. Podemos afirmar que construímos a base sólida para o desenvolvimento da luta, para avançarmos na conquista dos nossos objectivos finais.

Transformámos profundamente o nosso País. As transformações que realizámos são já irreversíveis.

O nosso Povo não aceitará jamais que a terra seja dividida entre proprietários, seja apropriada por latifundiários para explorarem o seu trabalho. A terra recuperada pelo Povo, porque foi generosamente regada pelo sangue do Povo, destina-se ao seu trabalho livre, destina-se a produzir a sua própria riqueza.

Nacionalizámos a terra para criar os grandes complexos agrícolas, onde milhares de moçambicanos trabalham, ganham o seu salário e produzem para Moçambique. Nacionalizámos a terra para que os camponeses possam juntar as suas forças nas cooperativas, possam organizar colectivamente a sua vida nas aldeias comunais. Nacionalizámos a terra para plantar cajueiros, para produzir algodão, para termos acúcer e milho, fruta e amendoim, roupa e pão. Nacionalizámos a terra para que fossem nossos o carvão, o ferro e todas as riquezas que os nossos braços arrancam da terra, os rios que dominamos para irrigar os nossos campos.

O nosso Povo não aceitará jamais que os hospitais sejam centros de negócio, de humilhação e discriminação, onde o sofrimento é transformado em lucro e a cor da pele determina a qualidade do tratamento. Tomámos os hospitais e organizámos a Saúde, para desencadearmos a luta contra a doença, para que em todo o país haja hospitais e postos sanitários, haja médicos e enfermeiros, haja medicamentos e vacinas ao alcance de quem deles precisa e não de quem tem dinheiro.

O nosso Povo não aceitará nunca mais que as escolas sirvam para fabricar futuros exploradores, para ensinar as técnicas da opressão e da exploração. As nossas escolas estão a nascer em todos os pontos do nosso País e tomámos o ensino para que nenhuma criança se torne adulta permanecendo no analfabetismo e na ignorância, para que nenhum adulto veja cortadas as possibilidades de aprender a dominar a ciência e a técnica. Tomámos as escolas, desde o ensino primário à universidade, para as transformarmos em centros de formação do homem novo, do homem que serve o seu Povo e a sua Pátria.

O nosso Povo não aceitará nunca mais que o seu trabalho nas fábricas, nos portos, nos caminhos de ferro, nos barcos de pesca, na construção de casas, estradas e pontes sirva para enriquecer um punhado de exploradores. Nacionalizámos os sectores estratégicos da nossa economia, controlamos toda a actividade económica para garantir que toda a produção nacional sirva os interesses do Povo, para garantir o desenvolvimento do nosso País.

O nosso Povo não aceitará jamais que a sua necessidade de habitação seja o objecto do negócio do proprietário de prédios de rendimento. Tomámos os prédios de rendimento para deixarmos de só poder viver nos quintais das cidades. As rendas que pagamos são para construir novas casas, para criarmos condições para todos terem uma habitação digna.

O nosso Povo não aceitará jamais ser dividido em tribos, em regiões, em raças. A unidade nacional forjada na luta armada de libertação nacional tornou-se indestrutível e vence todas as manobras e agendes do divisionismo.

Moçambicanos
Moçambicanas

As conquistas que alcançamos, as transformações irreversíveis que realizámos no nosso País foram conseguidas porque soubemos definir claramente os nossos objectivos, organizar correctamente a nossa força e seguir a estratégia justa.

Não definimos uma luta cega contra a exploração. Traçámos o nosso objectivo: a construção do socialismo. Engajamo-nos na luta pela construção do socialismo porque sabemos que o socialismo é sinónimo de felicidade, de bem-estar, de justiça, de progresso e de paz. Queremos construir o socialismo porque queremos libertar-nos para sempre da Injustiça, da exploração, da fome, da nudez, da miséria, da doença e da ignorância, porque queremos ter comida, roupa, escolas, hospitais, jardins, livros, campos desportivos, centros de férias, salas de espectáculos para todos.

Traçámos o objectivo e organizámos a nossa força. A nossa força principal é a nossa unidade, a unidade do Povo moçambicano em torno do nosso Partido de Vanguarda, do Partido FRELIMO.

Criámos o Partido FRELIMO, Partido marxista-leninista, como o instrumento indispensável para nos guiar na nova fase do nosso combate, na luta pela construção do socialismo. Criámos o Partido da classe operária e do campesinato, a vanguarda dos trabalhadores que assegura a materialização do seu poder em toda a sociedade. Esta foi uma conquista histórica do nosso Povo.

Estruturámos o nosso Estado de operários e camponeses. Ao criarmos a Assembleia Popular e as Assembleias do Povo, ao elegermos nossos representantes os melhores trabalhadores, os mais dedicados e

conscientes, manifestamos a essência profunda do poder popular, valorizando a rica experiência ganha nas zonas libertadas durante a luta armada e desenvolvida após a derrota do colonialismo nos Grupos Dinamizadores.

O nosso Governo exprime o poder da aliança operário-camponesa. É um Governo forte, estável, constituído por dirigentes que se formaram na luta de libertação nacional e no combate pela reconstrução do nosso País.

Assumindo a tradição gloriosa da luta armada, as Forças Populares de Libertação de Moçambique transformaram-se num exército regular, moderno e poderoso que, com determinação e heroísmo, garante a nossa soberania, a nossa integridade territorial, defende a nossa Revolução.

Em Gaza, em Teffe, em Manica, em Sofala, nas províncias mais atingidas pelas agressões criminosas do regime racista de Ian Smith, as Forças Populares de Libertação de Moçambique, sempre estreadamente unidas ao Povo organizado, escreveram algumas das mais belas páginas de heroísmo da nossa História, defendendo firmemente as nossas fronteiras, impondo pesadas derrotas aos agressores.

Estruturámos a nossa força e desenvolvemos a nossa unidade nas Organizações Democráticas de Massas. Enquadrados na Organização da Juventude Moçambicana, os nossos jovens engajam-se activamente na escola, nas fabricas, no exército, nas brigadas de voluntários para a reconstrução das zonas mais afectadas pelas agressões racistas e no projecto de desenvolvimento da Província do Niassa.

Enquadrada na OMM, a mulher moçambicana assume cada vez mais a luta pela sua libertação e, em todos os sectores produtivos, ela reatirna o seu papel fundamental na Revolução.

Através dos Conselhos de Produção, os trabalhadores avançam no processo exaltante da formação dos sindicatos.

A solidariedade internacionalista do nosso Povo, forjada nas condições mais difíceis, afirmada sempre de forma activa, tem agora o seu instrumento de acção permanente, a Associação Moçambicana de Amizade e Solidariedade com os Povos.

A nossa unidade alimenta-se da consciência patriótica e socialista que se desenvolve e aprofunda em todo o nosso Povo. Dizemos com orgulho que estes cinco anos de independência produziram heróis do trabalho.

São heróis os trabalhadores que, debaixo dos bombardeamentos, permanentemente ameaçados pelas agressões rodesianas, conduziram os comboios e Chicualacuala. São heróis os mineiros de Moatize que, em condições de segurança precárias, prosseguiram o trabalho nas galerias. São heróis os trabalhadores que, na Beira, não olharam ao perigo que corriam as suas vidas quando foram apagar o incêndio provocado pelos agressores rodesianos nos depósitos de combustível. São heróis os camionistas que, em estradas bombardeadas pelo inimigo, continuaram a transportar as mercadorias para o abastecimento do Povo. São heróis os trabalhadores que, nestes últimos dias, após 80 horas ininterruptas de serviço restabeleceram o abastecimento de água a Maputo. Estes são apenas alguns exemplos. Em todos os sectores, em todo o País, surgiram já os heróis desta fase da nossa História, os heróis do trabalho.

Moçambicanos
Moçambicanas

A República Popular de Moçambique é hoje um país prestigiado no conjunto das nações africanas e da comunidade internacional.

O prestígio conquistado pela FRELIMO durante a luta armada de libertação nacional reflecte-se no nosso País independente e aprofundouse nestes cinco anos de liberdade.

Ele resulta da prática permanente duma política consequente com os princípios que defendemos. Nunca tomámos apenas posições de princípio. As posições que assumimos, a solidariedade internacionalista com a luta justa dos outros povos que proclamamos, estão comprovadas na nossa prática, nas condições mais difíceis, mesmo quando foi preciso o nosso Povo aceitar os maiores sacrifícios, incluindo o da vida dos seus filhos.

Podemos afirmar com orgulho que a independência de Moçambique alterou profundamente a situação na África Austral.

A presença de um novo país independente constituía, por si só, uma alteração na correlação de forças na nossa zona. Mas, o factor principal foi a política justa e de apoio intransigente e militante à luta dos povos do Zimbábue, da Namíbia e da África do Sul, de luta contra o colonialismo e o racismo, que o nosso País seguiu.

Aceitamos verter o nosso sangue, retardar a nossa recuperação económica, atrasar a reconstrução nacional para que o Zimbábue fosse independente.

Onde quer que um povo se levante contra o colonialismo, o racismo, a opressão e a exploração, em Timor-Leste ou no Sahara, na Namíbia ou no Chile, o Povo moçambicano está a seu lado, firmemente, apoiando por todas as formas ao seu alcance.

Em todos os forums internacionais, através de múltiplas iniciativas na nossa zona, na OUA, nas Nações Unidas, no Movimento dos Países Não Alinhados agimos consequentemente para a defesa da liberdade, da independência, do progresso, da justiça social e da paz, para o desenvolvimento de relações de amizade e cooperação entre Estados.

Moçambicanos
Moçambicanas

Nestes cinco anos de independência criámos a base sólida para a realização dos nossos objectivos finais.

Em 1979, ano de consolidação das nossas conquistas, definimos a presente década como a da nossa vitória sobre o subdesenvolvimento, a da transformação de Moçambique num país socialista desenvolvido.

Isto significa que, nesta década, vamos vencer a fome e a nudez, vamos eliminar o analfabetismo e as doenças endémicas, vamos liquidar o desemprego e a miséria.

Significa que vamos lançar e desenvolver os grandes projectos económicos nacionais, os complexos agro-industriais, a indústria extractiva, a siderurgia, a indústria química. Significa que vamos começar a fabricar os nossos instrumentos, os nossos arados, os nossos tractores, os nossos camiões, as nossas máquinas. Significa que vamos construir novas cidades, nascidas do campo, onde hoje florescem já as aldeias comunais. Significa que vamos construir as casas, as escolas, os hospitais que precisamos. Significa que vamos cultivar o milho, a batata, o trigo, a fruta, as hortícolas, que vamos criar o gado, na escala necessária para todos termos comida suficiente e exportarmos. Significa que vamos cultivar o algodão, criar as fábricas de tecidos e de roupa, para todos se vestirem condignamente. Significa termos as lojas abastecidas, liquidarmos definitivamente as bichas no nosso País.

É este o combate exaltante desta década. É este o combate que vamos travar e vamos vencer.

Desencadeámos a Ofensiva Política e Organizacional para que, no Aparelho de Estado e em todos os sectores produtivos, possamos limpar o matos que impede o nosso avanço, possamos criar as melhores condições de organização, eficiência, competência, disciplina e dedicação para o lançamento deste combate.

A enorme adesão popular à Ofensiva mostra que o nosso Povo está firmemente engajado neste novo combate, rejeita a mentalidade do subdesenvolvimento incutida pelo colonialismo e enfrenta com decisão as grandes tarefas desta década.

Significativamente, no início da década da vitória sobre o subdesenvolvimento, como expressão do nível de organização e planificação já atingido pela nossa economia, criámos a moeda nacional, o Metical. Nas nossas notas e moedas vemos com alegria os símbolos da nossa luta, das nossas conquistas, da nossa cultura, da nossa realidade, do nosso progresso.

Moçambicanos
Moçambicanas

Celebramos o quinto aniversário da Independência Nacional com entusiasmo, com alegria e com orgulho legítimo.

A nossa maior razão de orgulho é poderemos afirmar que, nestes cinco anos, com o nosso trabalho, o nosso engajamento, a nossa consciência, a nossa unidade, soubemos merecer e honrar o sangue vertido pelos melhores filhos do nosso Povo durante a resistência ao colonialismo e a luta armada de libertação nacional.

A nossa alegria vem do trabalho, do esforço, da inteligência, da certeza na vitória com que colectivamente construímos a nossa Pátria socialista.

O nosso entusiasmo reside na certeza do futuro de felicidade, bem-estar, progresso e paz que em cada dia criamos com as nossas mãos de trabalhadores.

A LUTA CONTINUA!
A REVOLUÇÃO VENCERÁ!
O SOCIALISMO TRIUNFARÁ.